



# IMPÉRIO SOVIÉTICO: MARXISMO OU LENINISMO ?

Therezinha de Castro

*Professora de História no Colégio Pedro II, Rio de Janeiro,  
e Geógrafa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -  
IBGE.*

## 1 - FORMAÇÃO TERRITORIAL

Os grandes impérios coloniais que começaram a se formar no século XVI tiveram sua liquidação teórica em nossos dias.

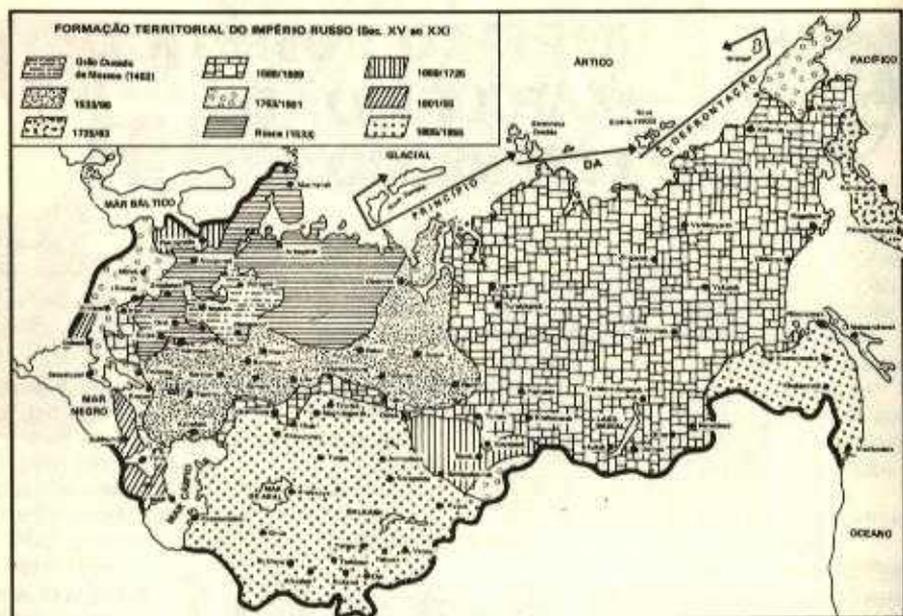
As metrópoles européias, representadas em especial por Portugal, Espanha, Inglaterra e França perderam territórios que ocuparam ou colonizaram nos vários continentes. Assim, no contexto mundial, *apenas um grande império se mantém - o Russo ou Soviético*. Império de que quase a metade dos súditos não são russos; onde as várias nacionalidades diferem apenas das potências ultramarinas quanto ao posicionamento, mas não quanto aos problemas, visto não existir água salgada separando os russos dos não russos. Guardadas, pois, as devidas idades cronológicas, repete-se o fenômeno do Império Romano.

Foi na segunda metade do século XV, entre os numerosos estados russos

(ducados, kanatos e até repúblicas) que o *Grão Ducado de Moscou*, tal como a Roma da Antiguidade, se revelou como o mais poderoso, transformando-se no núcleo geohistórico do vasto império (Mapa 1).

Como Roma, que se impôs para deter a hegemonia no Mediterrâneo, a Rússia, curiosamente, começou a formar o seu império territorial quando as potências atlânticas criavam seus impérios ultramarinos na era das navegações oceânicas. Assim, trinta anos antes da redescoberta da América pelos espanhóis, instalava-se na Europa Central o Grão Ducado de Moscou, cuja existência geopolítica data de 1462.

Enquanto os portugueses se mantinham no litoral atlântico americano, muito embora os espanhóis já tivessem percorrido a América do México ao Chile, numa dorsal envolvendo o Pacífico, a Rússia propriamente dita começava a



existir. Existência caracterizada por um expansionismo que já envolvia o estratégico Báltico e se espalhava pelo Ártico até as portas da Sibéria.

De 1533 a 1689, quando a colonização do Brasil ainda se limitava à nesga marítima e os Estados Unidos eram simples núcleos esparsos à beira do Atlântico, a Rússia crescera em direção ao Cáspio, largo Baikal, todo o litoral Ártico e um trecho do oceano Pacífico.

Com implantação geopolítica praticamente contemporânea, o expansionismo russo, marcado pelas facilidades oferecidas pelas planícies, foi bem mais rápido do que o crescimento territorial do Brasil e dos Estados Unidos, encurralados no litoral atlântico.

Servida por mares frios do hemisfério norte, o desejo da Rússia de atingir os mares quentes do sul, bem como o estratégico Báltico, é marcado por sucessivas etapas de expansão que vão desde 1689

até 1855. De fins do século XIX aos nossos dias, a expansão pelas terras marginais da Eurásia e o conseqüente posicionamento de que já desfrutava, *levaram o geopolítico inglês Mackinder a chamar o vasto império de "heartland" ou "coração da Terra"*.

Hoje, o império soviético se estende de Kaliningrado, que já pertenceu à Alemanha Oriental, até Vladivostok, no Pacífico. Controlando praticamente a "ilha mundial" de Mackinder, *não conseguiu a Rússia, por outro lado, satisfazer-se dentro da teoria de Mahan, visto que o Bloco Ocidental ainda domina todas as principais saídas oceânicas. A chegada ao Mediterrâneo, sonho geoestratégico alimentado desde Catarina II até hoje, se encontra dificultado em grande parte por Israel e pela Turquia; daí ter a Rússia optado pela alternativa do sul ou do envolvimento gradual: Oriente Médio, Golfo Pérsico, norte da África.*



mas concessões; porém, diante de *problemas nacionalistas* surgidos na Ucrânia, nas três repúblicas bálticas (Estônia, Letônia e Lituânia), na Armênia, na própria Geórgia, bem como na Ásia Central Soviética povoada por muçulmanos, foram suspensas as medidas "liberais".

Diante, pois, do renascimento nacional-cultural, reafirmou-se uma centralização, e uma política mais dura de assimilação. Política corporificada no programa de 1961 preconizando a eliminação de fronteiras entre as diversas repúblicas para uma eventual "completa unidade". Era necessária tal política interna para evitar um possível *esfacelamento territorial* muito embora no exterior a Rússia continuasse a defender o desmantelamento dos impérios coloniais ocidentais, em nome da "autodeterminação dos povos oprimidos".

A *Constituição de 1977*, ainda em vigor, é, na realidade, mais um programa político do que propriamente uma definição do mecanismo governamental. Pelo *Artigo 3.º* declara que o Estado Soviético "será organizado e funcionará de acordo com o centralismo democrático". Nessas condições, dilui ao máximo as idéias de Lenine, grande opositor do unitarismo, que optava por um Estado multinacional, federal, integral.

Tendo em vista a reaproximação cada vez maior das nações na União Soviética, procura a *Constituição de 1977* manter limitada a *área das liberdades individuais*, o que constitui uma arma mais efetiva contra o nacionalismo. Como justificativa para tal medida, afirma o governo russo que não está violando as liberdades, apenas neutralizando os inimigos do regime.

Muito embora a atual *Constituição* confirme que as repúblicas gozam do direito nominal de se separar do resto do

país, tal fato, diante dos atos, não passa de uma pálida vela acesa no altar do federalismo.

Complementando o *secessionismo*, o vasto complexo territorial soviético tem sua economia constituída nos moldes de um império colonial; tem, de um lado, a metrópole, onde se concentra o complexo industrial militar, predominando em detrimento das colônias, que possuem as indústrias leves e pesadas. Reflete, de certo modo, a política monopolista ibérica, que transformou suas possessões ultramarinas em simples mercados dependentes. Tal como acontece hoje na União Soviética, trata-se de um jogo político no qual a metrópole explora as colônias, sugando-lhes os capitais tão necessários, privando-as de seus recursos vitais. E dentro desse sistema soviético, em vista do deficit de matérias-primas, a metrópole, por necessidades defensivas, vem dando prioridade aos recursos para o seu complexo industrial em detrimento das colônias.

Segundo o *Artigo 6.º* da *Constituição de 1977*, "a força principal e norteadora da sociedade soviética, o núcleo de seu sistema político, bem como o de todas as organizações políticas estatais, é o Partido Comunista da União Soviética". Nessas condições, se o *Partido é dirigido por um sistema todo centralizado*, e se o Partido é o fator decisivo na administração da economia, a descentralização não o atrai.

Assim sendo, a economia soviética constitui um enorme "quebra-cabeças" no qual faltam algumas peças. E é o próprio Brejnev quem o reconhece quando assim se expressou por ocasião do 25.º Congresso do Partido: "... o Estado faz grandes investimentos para atender a demanda de roupas atraentes e de boa qualidade, aumentando a produção do algo-

dão, de lã e fibras sintéticas. Mas o produto final perde grande parte de seu valor devido à baixa qualidade das máquinas, do acabamento, dos corantes e ao atraso nas indústrias têxteis e de roupas... Ainda não aprendemos, apesar de garantirmos altas taxas de desenvolvimento à indústria pesada, a desenvolver o grupo B (bens de consumo) e o setor de serviços a um ritmo também acelerado". Conclui Brejnev, mais adiante, ser, no entanto, essa defasagem "uma questão de enorme importância política e econômica, diretamente ligada à obediência às normas pragmáticas do Partido".

O 26.º Congresso do Partido Comunista, reunido em fevereiro de 1981 procurou se ater: 1.º, ao fator *qualidade*, muito mais que ao fator *quantidade*; 2.º, ao fator *produtividade*, porém relacionado com a *melhoria e eficiência no trabalho*; 3.º, ao fator *modernização*, sem pensar em investimentos em novas fábricas.

Isto porque, em função das normas pragmáticas do Partido, segundo fontes do Pravda, as *taxas de crescimento da produção industrial* não foram muito compensadores.

1976	1977	1978	1979	1980
4,8	5,7	4,8	3,4	3,6

O quadro anterior pode ser complementado com o que se segue, no qual o Pravda indica a *produção industrial por homem/ano*:

1976	1977	1978	1979
3,4	4,1	3,6	2,4

Vê-se, pois, que enquanto a indústria pesada do grupo A (siderúrgica, petróleo, gás, indústria espacial e bélica) representa 76% da produção, a de bens de consumo se resume em apenas 26%.

Essa *economia estatal, altamente paternalista*, reflete uma produção industrial *sem concorrência*, contrariamente ao que ocorre no mundo capitalista. A falta de concorrência diminui os estímulos, mesmo diante dos prêmios que aumentam o salário do trabalhador soviético que apresente maior produção. O desestímulo gera a inércia, porque o intermediário ou administrador da loja é também um burocrata ligado ao Estado. Burocrata, que por sua vez, leva o produto a um consumidor que simplesmente não tem escolha.

No entanto, essa aversão à iniciativa individual ou privada já não é tão marcante no setor agrícola. Mas, como meio seguro para evitar a inflação, as *kolkhozes*, embora não sejam fazendas estatais como os *sovkoz*, têm toda a sua produção adquirida pelo governo a preço fixo. Deste modo, vencida a inflação, o sistema econômico soviético consegue, por outro lado, manter durante dez ou vinte anos o mesmo produto ou o mesmo modelo antiquado a preços estáveis.

Portanto, tal como ocorre na indústria, a fonte do Pravda mostra e as palavras de Brejnev confirmam que "os recursos destinados à agricultura não têm sido utilizados com suficiente audácia".

1977	1978	1979	(em milhões de toneladas)
195	255	179	Grãos
83	85	90	Batatas
14	15	15	Carne
94	94	93	Leite

Vemos ainda que até 1960 o PNB soviético crescia ao ritmo de 8 a 10% ao ano. A partir de 1970 a situação começou a mudar, calculando-se que em 1980 o PNB terá aumentado em apenas 1%.

Convém ressaltar que cinco anos antes da implantação do sistema comunista na Rússia o sociólogo inglês Hilaire Belloc (The Servile State) dizia o seguinte: "Torna-se cada vez mais evidente que qualquer intenção de transformar o capitalismo em coletivismo não resultará de modo algum em coletivismo e sim em algo que os coletivistas jamais imaginaram. Este algo é o Estado-Servil, um Estado no qual as massas humanas serão obrigadas por lei a trabalhar em benefício de uma minoria".

Essa minoria que o Kremlin designou como "nomenklatura"; palavra que exprime "quem é quem", incluindo todo aquele que é patrocinado pelo governo soviético e que, juntamente com sua família, totaliza cerca de 3 milhões de pessoas, ou seja, *menos de 1% da população total de cerca de 260 milhões de habitantes.*

São apenas três milhões de pessoas, pois a "mordomia" ("kremliovka" ou alimentos selecionados, as "datchas" ou casas de campo, etc.) não cabe aos 10 milhões de membros do Partido Comunista, que tem 17 milhões de filiados, mas tão somente à sua cúpula. Não cabe, portanto, aos 27 milhões de pessoas que integram as listas de pagamento direto do governo como empregados estatais do Partido, segundo cifras publicadas pela "Ekonomitcheskaya Gazeta" de 2 de abril de 1980. Devendo-se, por outro lado, notar que a *sucessão* de Brejnev será, como tem sempre ocorrido na Rússia, a *simples troca de uma equipe política por outra.*

Curiosamente a União Soviética vem sendo governada pelos *líderes mais velhos do mundo.* A idade média dos 14 membros do Politburo, o centro do poder soviético, se situa na faixa dos 70 anos para mais. Daí haver observado Michel Tatu que na "União Soviética não há lugar para políticos aposentados". Não contando com um sistema formal de transferência do poder, os velhos dirigentes temem abrir as portas para os mais jovens. E nisto vai o princípio de que *o Estado Soviético pode ser fisicamente débil, mas é ideologicamente forte.* Ainda dentro deste princípio, *o Congresso do Partido é, na prática, um catalizador político.* É que o Congresso *não formula políticas* quando se reúne; muito pelo contrário, *confirma as fórmulas* já discutidas pelas altas autoridades do Partido e *devidamente aprovadas pela liderança.*

Acredita-se, assim, que o 26.º Congresso do Partido Comunista, reunido em fevereiro de 1981, embora sustentando as críticas do sistema econômico interno, não irá superá-lo. Isto porque o Estado teria que ceder; e não poderia ceder a ponto de interferir na base que constitui *o sistema da lealdade partidária.* Por outro lado é notório que o controle exercido pelo aparelho do Poder mostra que *as renovações só ocorrem durante as mudanças de cúpula,* tal como se viu de Stalin para Krutchev, e deste para Brejnev.

Mesmo assim são renovações bastante sutis. Uma anedota, que reflete bem uma impressão geral sobre o estado dos governantes soviéticos, conta que num trem, com destino à terra prometida dos comunistas viajam Joseph Stalin, Nikita Krutchev e Leonid Brejnev. O trem enquiça. Imediatamente Stalin ordena que sejam fuzilados os tripulantes. Como tal

medida de nada adiantou, Krutchev assume o comando, reabilitando e condecorando postumamente os tripulantes. Não se resolvendo o problema, caberá então o comando a Brejnev que resolve a questão com a seguinte ordem: "baixem as cortinas e façamos de contas que o trem está andando".

E é assim que o sistema se impõe, visto que, na concepção de Lenine, *a política é assunto para profissionais, e os profissionais são os que pertencem à cúpula do Partido Comunista*. O povo nada tem a ver com a política, deve se ater ao direito de olhar, mas não participar.

Por outro lado, nota-se que o sistema soviético foi estruturado de tal maneira que o homem da rua só poderá chegar ao poder se fizer parte da hierarquia que leva até o governo.

Não contando com os meios de expressão, o povo pode, no entanto, escrever para os jornais, mas já sabendo que há *censura*; daí conformar-se de que seu único meio de agir é a adesão ou a abstenção. É fato que *a família soviética* conta com educação gratuita, aluguel simbólico, transporte público barato, serviço médico subsidiado ou grátis, além da alimentação subsidiada no local do trabalho. O problema, no entanto, começa quando se espera em qualidade tudo o que é oferecido ao povo. O abastecimento irregular por parte dos "gastrónomos", os supermercados do governo, é patenteado pelas longas filas. A má qualidade em tudo tem que ser suportada, pois na União Soviética não existem competições.

Por sua vez, o sistema de censura soviético elimina, cuidadosamente, não só as notícias concernentes à própria vida privada da classe dirigente, como também assuntos não interessantes ao regi-

me vindos do Ocidente. Para sustentar tal estado de coisas, as fronteiras do vasto império devem estar sempre hermeticamente fechadas.

Os turistas estrangeiros têm que passar por determinadas estradas, sem ver jamais um dos vários povoados ou "koljóz". Tanto cuidado toma a "Intourist", agência turística estatal, que chega a determinar as "zonas abertas" para as viagens. E dentre as 33 cidades com mais de 500 mil habitantes incluídas nessas "zonas abertas", 20 não podem ser visitadas; significando isso, que *milhões de cidadãos soviéticos jamais se encontram com um estrangeiro durante toda a sua vida*.

### 3 — DIRETRIZES DEFENSIVAS

Sem contar com a oposição popular, *a Rússia mantém satisfeitos os seus técnicos e sobretudo os militares*, objetivando a sempre crescente capacidade terrestre, marítima e aérea, dando ao país a possibilidade de intervir militarmente em escala mundial.

Conseqüentemente, o único setor da indústria soviética que vem funcionando satisfatoriamente é o dos *armamentos*. No entanto, a maior parte desse material bélico é entregue aos países satélites ou comercializada a longo prazo. Parte ínfima desse material consegue ser vendida no exterior em troca de moeda viva. Por isso, mesmo funcionando satisfatoriamente, a produção bélica significa outra carga a mais para o orçamento soviético.

Mesmo assim compensa, pois em política externa os russos seguem o lema de Lenine: *"enfiar a baioneta até onde puder"*. E, na consecução dos *objetivos expansionistas ou intervencionistas*, procuram os russos a *liderança da revolu-*

*ção mundial.* Para tal, até 1960, o Kremlin, que só ajudava aos movimentos claramente comunistas, emprega atualmente a técnica de enviar primeiro as suas forças e só depois procurar os seus simpatizantes.

A doutrina militar do Kremlin, tendo ainda bem viva a invasão alemã na Segunda Guerra Mundial, estabelece que a União Soviética assumirá a ofensiva se for iminente um conflito bélico. Na realidade, porém, essa doutrina só é defensiva na teoria, já que a natureza política russa se tem mostrado mais na ofensiva, seguindo o princípio de que, para evitar um ataque ao território soviético, deve ser feito o uso da ação militar contra o inimigo prestes a se rebelar. E foi assim que se desencadearam as invasões da Hungria, da Tchecoslováquia e do Afeganistão. É dentro deste princípio que a definição de "guerra fria", atribuída ao financista estadunidense Bernard Baruch, não é aceita pelo Kremlin como um confronto entre o Ocidente e o Oriente. Isto porque a ação soviética em direção ao oeste é tida por Moscou como a de uma "coexistência pacífica".

Mas o fato é que, dentro desta "coexistência pacífica" o efetivo militar soviético, em cifras que chegam ao Ocidente, é de aproximadamente 3.600.000 homens e mulheres; efetivo dividido em 5 serviços principais: Exército, Marinha, Aeronáutica, Forças de Foguetes Estratégicos e Forças de Defesa. Há, por outro lado, 450.000 homens nas forças paramilitares, incluindo-se guardas fronteiriços e tropas de segurança interna; tendo destaque a KGB, polícia secreta, que, contrariamente ao que ocorre nos países ocidentais, nunca excedendo 1% da população, emprega de 7 a 10% de soviéticos.

As forças terrestres soviéticas, o dobro das tropas do Exército e Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, estão concentradas em áreas consideradas críticas. Segundo estimativas ocidentais 30 divisões estão no leste europeu, cerca de 67 nas repúblicas européias da União Soviética, 6 na parte central do país, 24 no sul e 46 na fronteira com a China. Isso sem contar com o efetivo militar que opera no Afeganistão, Cuba, Vietnã, Oriente Médio e África.

O serviço militar é obrigatório a partir dos 18 anos, e até os 50 os reservistas podem ser convocados. No Exército e Aeronáutica o serviço militar é de dois anos; na Marinha ou Corpo de Guarda da Fronteira pode chegar aos três anos.

Assim como a União Soviética luta contra o problema das variadas nacionalidades, enfrenta também a questão do crescimento de grupos étnicos nas Forças Armadas. Terminada a Segunda Guerra Mundial, apenas 4,7% dos soldados não eram eslavos; atualmente o percentual de não eslavos é avaliado em 18%, sendo em sua maior parte das Repúblicas Soviéticas da Ásia Central, mais precisamente do Kazakistão, do Usbekistão e do Tadzikistão. Se essa cifra continuar a se elevar, poderá ver-se forçado o Kremlin a reavaliar a sua prática de só confiar aos eslavos os postos de oficial e o papel de combatentes. Observa-se que a tensão racial já se infiltra no plano político-administrativo e se poderá estender ao campo das Forças Armadas.

#### 4 - CONCLUSÃO

Carecendo das tradições ocidentais do *burgo e da nobreza independente*, que puderam limitar na Europa o poder central, a *revolução bolchevista* (novembro de 1917) conseguiu implantar na

Rússia uma *força político-ideológica bem original*.

Essa originalidade surgiu em função do *antagonismo* que, na realidade, sempre existiu *entre os ideais de Marx e de Lenine*. Para o criador do chamado comunismo, a base de tudo seria o ideal da emancipação do indivíduo numa sociedade sem classes, livre da exploração, da coerção e da própria guerra; e esta base marxista deveria ser implantada pela revolução do proletariado nos países industrialmente avançados.

Contrariamente ao que supôs Marx, a revolução comunista começou por ser implantada na Rússia, seguindo as tendências geohistóricas do país. Assim, Lenine, numa adaptação do marxismo, adotou o slogan da *"ditadura do proletariado"*, entendendo-o como um poder absoluto, *institucionalizado num Partido de Vanguarda*. E foi justamente esse Partido, que, adaptando-se ao poder absoluto que sempre existiu na Rússia, embora falando em nome do proletariado, passou a agir independentemente de sua vontade real.

Criava, pois, Lenine, um *marxismo afastado de suas idéias ocidentais*, adaptado ao *"status quo"* não ocidental da tradição histórica russa. Daí a criação dos *"soviets"* servindo de base a um país destituído de qualquer organização democrática de massas.

O leninismo transformou a Rússia numa *potência mundial*, sem concretizar o ideal marxista da sociedade sem exploração, coerção ou guerra. Implantando um governo totalitário, manteve sua posição de hostilidade às empresas privadas do capitalismo.

Falhando como força revolucionária no Ocidente, não tendo conseguido implantar sua ideologia em nenhum país industrial avançado, o leninismo man-

teve, na prática, *um mundo fundamentalmente dividido*. Mundo dividido política, economicamente e conseqüentemente antagonico sob o ponto de vista militar.

Nos países ocidentais industrializados, democracia e pluralismo estão de tal forma vinculados, e as classes médias são tão fortes, que a menos que se respeitem essas realidades, o leninismo não encontrará grandes chances.

A exportação do leninismo não foi coroada de êxito, pois os chamados Partidos Comunistas de massa, existentes em países industrialmente avançados, abandonaram solenemente os princípios russos. Na Europa surgiu o *eurocomunismo*, enquanto a China procurou afastar-se da *revolução cultural*.

Por outro lado, conseguindo na *"Cortina de Ferro"* implantar a sua faixa protetora de *membros do Cominform*, a Rússia nada mais fez do que lançar as bases para novas formas de conflitos nacionais entre Estados Comunistas. Na primeira fase, *Stalin*, no sentido de *forçar o conformismo ideológico na Iugoslávia*, acabou por afastá-la da submissão. A Iugoslávia e, mais recentemente, a China desembaraçaram-se das amarras do *"internacionalismo proletário"* soviético.

Novas perdas seriam perigosas para a Rússia, e, assim, coube a *Krutchev* esmagar, pela força militar, a *Hungria e a Tchecoslováquia*; enquanto *Brejnev* tem mostrado suas apreensões com o liberalismo que surgiu na *Polônia*.

A Constituição de 1977 em seu *Artigo 28* impõe ao regime o dever de *"consolidar a situação do socialismo mundial, apoiando as lutas dos povos pela libertação nacional e pelo progresso social"*. A criação de um movimento internacional dominado por princípios le-

ninistas, dentro da chamada estratégia da "*Frente Popular*", permitiu aos soviéticos conquistar adeptos em outros países e, mesmo, influenciar a política de alguns governos. Mas, na realidade, o grande impacto leninista se refletiu no âmbito do *Terceiro Mundo*.

Nesses países subdesenvolvidos, muitos dos quais oriundos do rápido processo de desmantelamento histórico dos velhos impérios coloniais, a instável minoria se habilitou tão somente ao rótulo de "*não capitalista*", ou mais comodamente "*neutralistas*". E, nesse sentido, não concedendo as vantagens desejadas pelo Kremlin, produziram, por outro lado, um *impacto negativo para o Bloco Ocidental*. É que esses países, ainda imaturos para a independência política, necessitados das instituições e valores culturais do Ocidente, assumiram uma atitude ativamente anti-ocidental.

Nesse caso, as Frentes Populares agiram no sentido da perda da atração exercida pelos valores ocidentais sobre grande parte dos estratos formadores desses novos países. E esses novos países podem ser facilmente distinguidos por adotarem o termo da moda entre os mais arbitrários governos, de *Democracia Popular ou República Democrática Popular*.

Agindo assim, como força que não promove o marxismo, e sim as consequências dos meios estabelecidos pelo leninismo, as Frentes Populares mostra-

ram-se ineficazes dentro do fator "humanização social" e de "paz internacional".

Destruindo as bases ocidentais do marxismo, o leninismo, que caracteriza o Império Soviético, se tem mostrado incapaz de oferecer uma alternativa.

Os sucessivos governos "*gerontocráticos*" que se vêm sucedendo no poder desde Stalin, *resistem, em grande parte, às reformas elementares*. O grande mérito desses governos constitui em terem construído e organizado *Forças Armadas poderosas*. E essa superioridade se vem fazendo atuante nos líderes militares que, aos poucos, se transformam nos pilares do regime. Em 1973 o *Marechal Greshko* foi admitido no Politburo. Embora os militares avancem com certa resistência por parte do Partido, neste os civis burocratas procuram abrigar-se sob seu manto visto que *Stalin foi "generalíssimo", Krutchev era "general" e Brejnev se autoproclamou "Marechal da União Soviética"*.

Para compensar o país dos fracassos trazidos pelos princípios marxistas ou leninistas, os líderes russos perigosamente *ressuscitam o totalitarismo nacionalista-militar* que caracterizou o fascismo e o nazismo. A propaganda russa consiste em levar o povo tão "auto-dirigido" a confiar mais nas armas. Renasce para tal o antigo *conceito czarista da "rodina", ou da mãe-pátria*, que Marx e Lenine, universalmente, tanto abominavam.